

Editorial

A IDADE DA RAZÃO

A população comemorou como pôde o último Dia das Mães. A data já se incorporou ao calendário nacional de vendas no varejo. Melhor que ela, só o Natal. No entanto, o movimento neste ano foi decepcionante, de acordo com a avaliação dos lojistas de shoppings.

Segundo a associação que reúne esses comerciantes no Brasil, este foi o pior Dia das Mães em sete anos. Descontada a inflação, o crescimento ficou entre 0,5% e 1% na comparação com o ano passado. Sem inflação, no valor dos presentes, a queda foi de 15% a 20%.

Foi a primeira vez, desde 2010, que o consumidor reduziu o valor do presente que deu à mãe. As pessoas só compraram o essencial. Ressabiados, os empresários contrataram poucos trabalhadores temporários. Só 4% o fizeram, contra 10% a 15% em anos anteriores.

A situação reflete a conjuntura econômica, com inflação em alta, crédito mais difícil e juros proibitivos. Acrescentam-se a isso a queda do salário real – a maior desde 2004, segundo o IBGE – e o desemprego, que já atinge, em apenas quatro meses, a meta de todo o ano: 4,5%.

Para piorar, o brasileiro está endividado. Até o governo passado, o crescimento da economia estimulou o consumo das famílias. O país tem hoje 55,6 milhões de cidadãos endividados, pagando juros que sobem mês a mês sobre uma dívida total de R\$ 235 bilhões.

Não é por acaso que as economias depositadas na caderneta de poupança estão recuando com velocidade. Em abril, pelo quarto mês consecutivo, ela teve perda de patrimônio. Os saques superaram os depósitos em R\$ 5,8 bilhões. Foi o pior abril desde 1995.

Entre as causas, além da inflação e da queda de renda, a elevação das tarifas públicas e o reajuste do preço dos combustíveis. Depois de anos de bonança, o brasileiro está ficando mais pobre. É natural então que ele reprima seus gastos, fazendo o que o governo não fez.

No Dia das Mães de 2015, o consumidor pode ter alcançado a maioria.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Lições de Ferguson e Baltimore para a luta contra o racismo

Na primeira, os negros têm o poder; na segunda, sem poder

Decidi compartilhar trechos do artigo “EUA: as ilusões do ‘Poder Negro’”, de Keeanga-Yamahatta Taylor, especialista em estudos afro-americanos, da Princeton University (Nova Jersey, EUA), que li no blog Outras Palavras (7.5.2015).

É uma reflexão que encerra muitas lições para a peleja contra o racismo aqui. Está certo Luan Nascimento: “Baltimore é também sua quebrada” (Geledés, 7.5.2013).

Eis o eixo do escrito de Keeanga-Yamahatta Taylor: “O que torna o levante de Baltimore diferente daqueles de uma era anterior é que os ataques perversos aos afro-americanos ocorrem num momento de poder político negro sem precedentes... Nunca houve tantos afro-americanos em postos de governo. Mas a revolta de Baltimore revela que, apesar disso, desigualdade, preconceito e discriminação persistem” e que “os acontecimentos de Baltimore, em Maryland, são dessemelhantes dos ocorridos em Ferguson, no Missouri, no último verão”.

E exhibe a ferida que sangra: “Hoje, temos mais governantes negros eleitos nos EUA do que em qualquer outro momento da história. Ainda assim, para a ampla maioria da população negra, a vida mudou muito pouco... E governantes negros eleitos tanto criam quanto ampliam o espaço para brancos questionarem os hábitos morais dos negros comuns. Quando o presidente Obama, a prefeita Rawlings-Blake e o procurador geral Lynch se referem aos manifestantes negros como ‘arruaceiros’ e ‘criminosos’, os republicanos brancos não

precisam dizer nada”.

E complementa: “A menos de 60 quilômetros de Baltimore, na capital da nação, reside o primeiro presidente afro-americano do país. Há 43 membros do Congresso e dois senadores negros – o mais alto número de parlamentares negros da história norte-americana. E exatamente quando a parte oeste de Baltimore explodia contra o assassinato de Freddie Gray pela polícia, Loretta Lynch tornava-se a primeira mulher negra indicada como procuradora geral”.

Taylor escreveu mais: “Este não é

“Hoje, temos mais governantes negros eleitos nos EUA. Ainda assim, para a maioria da população negra, a vida mudou muito pouco...”

apenas um fenômeno nacional; ele se reflete também na política local. Em Baltimore, os afro-americanos controlam virtualmente todo o aparato político”. São negros a prefeita Stephanie Rawlings-Blake; o comissário de polícia; oito dos 15 vereadores; o superintendente da rede pública de educação e todos os conselheiros do serviço habitacional do município. “Por todos os EUA, milhares de funcionários negros eleitos estão governando muitas das cidades e subúrbios do país”.

Já Ferguson, o subúrbio ao norte de Saint Louis, é majoritariamente negro, governado por brancos, logo, a “representação política dos negros tornou-se

o fio narrativo das explicações populares para o que deu errado”. A gritante dessemelhança entre Baltimore e Ferguson está na representação política. Na primeira, os negros são os donos do poder; na segunda, desempoderados.

Diante do que Taylor sintetiza: “O assassinato de Freddie Gray e o levante de Baltimore são simbólicos do novo poder negro... O levante de Baltimore cristalizou o aprofundamento da divisão política e de classe na América negra... Operadores políticos negros não oferecem aos afro-americanos comuns soluções melhores que qualquer outro governante eleito”.

É tempo de enxergar que, se não soubermos nos mobilizar coerentemente nos entrecruzamentos da velha luta de classes com a opressão racial/étnica e a opressão de gênero, estaremos alimentando as dinâmicas peculiares de todas as opressões.



DUKE